

“OMBROS LARGOS” X “LÍNGUA GRANDE”: OS PROJETOS DE EDUCAÇÃO DO CORPO NAS TRANSFORMAÇÕES DA ANTIGÜIDADE GREGA

“BROAD SHOULDERS” X “LONG TONGUE”: PROJECTS ON BODY EDUCATION IN THE ANCIENT GREEK TRANSFORMATIONS

Carlos Herold Junior¹

Recebido para publicação em 29/10/07

Aceito para publicação em 31/10/07

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a educação do corpo na antiga sociedade grega. Para isso, partindo de uma revisão bibliográfica de estudos que, na atualidade, endossam importância desse período para a educação física, dividimos o texto em três momentos: no primeiro, verificamos a forma como o corpo do guerreiro é visto e elogiado. No segundo, analisamos como, no esteio das transformações sociais que levaram à construção da pólis, essa concepção de corpo guerreiro fora posta em cheque, redundando em variados discursos educacionais sobre o corpo: aqueles que o elogiavam como via de acesso às virtudes intelectuais e aqueles que o secundarizam para o cultivo da política e filosofia. Na terceira parte, à guisa de conclusão, a partir da análise feita, endossamos a necessidade e o cuidado no estudo da educação corporal na sociedade. Assim podem ser evitadas posturas anacrônicas que, em última instância, ou apologizam ou diminuem a importância dos gregos para a história da educação e da educação do corpo.

Palavras-chave: Antigüidade grega, educação, corpo, educação física, história da educação.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze body education in the Ancient Greek society. Having a bibliographical survey carried on studies that, nowadays, support the role played by this period in the physical education history, we divided the text in three different parts: firstly, we verify how the warrior body is seen is praised. In the second part, we study how, within transformations which caused the *polis* formation, that warrior body was put under siege, which gave reason for different concepts on body education: those who saw the body as an important instrument in order to

¹ Professor Adjunto do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual da UNICENTRO - Guarapuava, PR. e-mail: carlosherold@bol.com.br

access intellectual abilities and those who regarded body as irrelevant for such a quest. In the third part, as conclusion, we reinforce the need to study Greek body education carefully. We believe that it is a condition to avoid very ordinary anachronisms which both misshape other diminish the Ancient Greece when history of education and body education are concerned

Key words: Ancient Greece, education, body, physical education, history of education.

Introdução

Ao analisarmos a história da educação física, podemos ver que de forma freqüente os gregos são tomados como ponto de análise. Isso é possível de ser observado tanto no pensamento educacional moderno, nos debates sobre a criação da disciplina escolar de educação física no final do século XIX e início do século XX, bem como na produção acadêmica hodierna sobre o corpo e a educação.

Acompanhando o processo de desenvolvimento da sociedade capitalista, percebemos que Rabelais, Montaigne, Locke, Rousseau, todos eles, de uma maneira ou de outra, utilizam os exemplos advindos da Antigüidade, sobretudo a grega, para endossar a necessidade de se defender a relevância de uma educação do corpo que fosse considerada como a base de todo o processo educativo. Resguardadas algumas diferenças entre esses autores, principalmente, quando aceitam ou refutam a rigidez espartana para com o cultivo da força e das habilidades guerreiras, é unânime o reconhecimento do “equilíbrio” com que os gregos (principalmente os atenienses) teriam educado os membros da sua sociedade.

Verificando a questão no Brasil, no início do século XX, notamos que Fernando de Azevedo (1915), na sua *Poesia do Corpo*, também recorre de forma constante à história da Antigüidade para verificar a urgência de se entabular a *Gimnástica Racional*. Mesmo com o autor fazendo uma abrangente retomada histórica que abarca também a Índia e a China, é na Grécia que ele vai se espelhar e mostrar o quê poderia fazer a atenção à educação corporal na escola.

Nas obras de Marrou (1975) e Jaeger (1995), a profundidade com que analisam a educação na Grécia condiciona a existência de capítulos específicos e de referências espalhadas em toda obra sobre a relevân-

cia do corpo e da sua educação para o entendimento desse período da história educacional. Braustein e Pépin (1999) ao analisarem *O lugar do corpo na cultura ocidental*, dedicam um longo capítulo, perfazendo quase um terço da obra, para a reflexão sobre a questão no pensamento grego.

O mesmo acontecendo com manuais, tais como os de Cambi (1999) e Manacorda (2006), que sinalizam como uma das especificidades da educação grega e um dos traços que a manteria como de grande valor para as análises contemporâneas, o fato de ela ter se detido de forma meticulosa sobre a educação física.

Como resultado, observamos, que na produção acadêmica sobre a educação física, na atualidade, há uma quantidade importante de estudos que objetivam estudar os gregos e sua educação corporal. Em um levantamento preliminar, as dissertações de Da Mata (1998) e de Gnecco (1999), trazem colaborações extremamente relevantes para o aprofundamento dos estudos históricos sobre a educação física. Em uma coletânea intitulada *Corpo e História*, Silva (2001) e Carvalho (2001), dedicam-se a tematizar o corpo “para os gregos, pelos gregos...” (Carvalho, 2001, p. 163). Essa autora justifica essa intenção afirmando que “Poucos, nas últimas décadas, e em particular na área de Educação Física, foram formados lendo e usufruindo os clássicos” (p. 164). Se essa afirmação não pode ser negada, não podemos esquecer, entretanto, que justamente essa advertência endossa o fato de os gregos permearem uma parte não negligenciável da reflexão sobre a educação física. O chamado de Carvalho (2001) explicita isso. A realização deste texto, também.

É a partir dessa constatação que pretendemos colaborar com esse importante conjunto de análises, endossando alguns posicionamentos com textos nor-

malmente deixados de lado pelos analistas da educação física, assim como lançar as bases para que algumas idéias sobre a educação física dos gregos e sua apropriação pela modernidade e contemporaneidade sejam problematizados. Para isso, fazendo dialogar autores e textos escritos nos diferentes períodos da história grega com estudiosos na área de história e filosofia da educação, objetivamos reconstruir o processo pelo qual o pensamento educacional grego focaliza o corpo pedagogicamente, em consonância com as transformações históricas vivenciadas por aqueles que pensaram a sociedade, o homem e sua educação no interior de transformações históricas que culminaram com construção da sociedade grega clássica.

Ao utilizarmos em um mesmo texto as obras de Homero, Hesíodo, dos poetas Líricos Gregos, de Aristófanos e Platão, reconhecemos o amplo recorte temporal. Essa opção, entretanto, justificamos pela especificidade que será buscada nesses autores: as diferentes formas como o corpo e sua educação foram concebidos nos diferentes momentos históricos da sociedade grega.

O elogio do corpo guerreiro em Homero: a educação do corpo pela necessidade

Primeiramente, ao olhar para a forma de organização da sociedade nos tempos descritos por Homero, vemos que os homens mantinham fortes vínculos com sua família e com a terra da qual tiravam seu sustento e onde enterravam seus antepassados. O conceito de propriedade privada era incipiente, sendo a terra e o que em cima dela estava, de posse comum. Podemos ver isso na *Ilíada* quando Homero, insistentemente, ao referir-se aos seus heróis, atribui o prestígio destes de acordo com a paternidade conhecida.

O trabalho existia à medida que era possibilitado pelas características naturais do local onde estava fixada a família. Essa dificuldade, inerente à difícil situação geográfica grega, fazia da guerra, do saque e da pilhagem atividades necessárias, e por isso, elogiada pelos homens. As narrativas homéricas corroboravam a maior importância atribuída à prática guerreira do que ao trabalho nas terras. Nesse sentido, diz Homero: “Para eles todos, realmente, mais doce era, então, dar combates do que voltar para a pátria querida nas côn-

cavas naves”. (p.181, verso 10, Canto XI.)

Ao contemplarmos a obra Homérica, podemos ver que a exaltação do herói não chega a se caracterizar um culto ao indivíduo que realiza proezas na guerra, mas sim a exaltação da família beneficiada por este ou aquele ato de heroísmo. Isso, longe de ser uma injustiça ao realizador das proezas, é visto como absolutamente normal tanto para a família quanto para o próprio guerreiro. Assim, Aquiles, Agamêmnon, Nestor, são “corporificações” da tribo ou organização que representam. Neste ínterim, o guerreiro só podia ser pensado em suas qualidades de forma a atender completamente as necessidades colocadas por tal prática. Ora, numa vida regida por valores eminentemente coletivos, onde a vida e a morte dependiam da força guerreira, podemos dizer que tanto as qualidades psicológicas, quanto às necessidades corporais, eram pensadas para atender a esses valores. No que diz respeito à coragem e ao medo, o ímpeto para a luta, a vontade para matar o adversário era ladeada pela crítica voraz à fuga e ao medo de ser ferido em combate.

No que tange ao corpo, podemos sentir a forma como ele era visto em dois momentos: primeiro, na exaltação das qualidades físicas dos heróis, que ao defenderem com destreza sua pátria, eram com orgulho elogiadas pelos demais, e, também, na forma com que as cenas de morte ou de dor eram narradas. No trecho abaixo, Homero expressa ambos momentos na mesma passagem:

Pelas fileiras dos outros guerreiros prossegue Agamêmnon, ora a vibrar a lança e espada, ora pedras enormes jogando, enquanto o sangue manava, ainda quente, da grande ferida. Mas, logo que esta secou, quando o sangue não mais escorria, dores pungentes, então, sobrevieram ao filho de Atreu. Tal como sofre mulher em trabalho de parto, ao lhe enviarem as filhas de Hera, as cruéis Ilitias, seus dardos acerbos (HOMERO, s.d., p. 187, verso 264-270, CantoXI.)

Em um conjunto de relações em que a força, velocidade, coragem eram necessárias no dia a dia, pensar em meios de conscientizar a respeito sobre esta necessidade, não era um imperativo. A própria prática dos homens se encarregava desta “pedagogia” do corpo, bem como de sua centralidade. Dessa maneira, em uma sociedade onde a vida dependia da força co-

letiva, onde a força física era prerrogativa óbvia a qualquer homem, ficava inviabilizada a necessidade da idéia de “preparar” (treinar), ou pelo menos, demonstrar a importância de formar o homem para a guerra, educando-o para tal.

Por outro lado, não podemos deixar de perceber na *Ilíada*, vestígios de que a organização social em questão estava apresentando sinais claros de desgaste. Aliás, o cerne da trama é a desavença entre Aquiles e Agamêmnon, em que este repudia as duras acusações de Aquiles, delatando-o como oportunista e como o maior beneficiado nas divisões dos bens saqueados, em suma, acusando-o de egoísta, ou de considerar em primeiro lugar seu interesse individual. Apesar de ainda se viver em um contexto amplamente guerreiro, o germe da transformação social começava a se colocar. Não somente em Agamêmnon, acusado de usurpar os seus governados com o seu interesse individual, mas também Aquiles, que reclama nesse momento os bens que não recebera e que antes não os pedia, refletem o esfacelamento de uma ordem social calcada na posse coletiva da terra. A moral guerreira, bem como a força corporal dos homens que antes eram inquestionáveis e absolutas, começam a entrar em decadência. Agamêmnon, além de tudo, na acalorada discussão com seu rival, diz: “Sempre encontraste prazer em contendas, combates e lutas. Se de robusto te orgulhas, tua força de um deus é presente”. (p. 47. verso 177-178, Canto I). Esse prazer, que durante toda obra é expresso de forma natural, “contraditoriamente”, é criticado por um dos mais importantes personagens, logo no início da *Ilíada*.

O questionamento ao corpo guerreiro pelo sofrimento no trabalho e pela inteligência na política

Podemos também observar, só que de forma mais clara, a transformação que se operava na sociedade antiga na obra de Hesíodo. Principalmente em *Os Trabalhos e os Dias*, ele expressa a passagem da valorização da guerra, para a valorização do trabalho e dos valores coletivos, ao nascimento do indivíduo. Sem dúvida que, tudo que diz respeito ao corpo e sua educação, também, passa por reformulações radicais.

Em primeiro lugar, Hesíodo começa por delinear aquilo que será sua preocupação central: mostrar a nova forma como os homens devem viver. Para isto, ele deixa explícito como era a maneira antiga e como deveria ser a nova. Se antes, os homens lutavam e saqueavam para sobreviver, no tempo e espaço de Hesíodo cada homem deveria tirar do trabalho o seu sustento. No que diz respeito a essa radical diferença entre o homem hesiódico e o homem homérico, o próprio Hesíodo faz uma distinção ao lançar mão da *Lenda das Cinco Raças*. No caso do antigo homem guerreiro, Hesíodo o vê como pertencente à *Raça de Bronze*. Em contraposição, assim ele define a *Raça de Ferro*:

Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça, mais cedo tivesse morrido ou nascido depois. Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia cessarão de labutar e penar e nem à noite de se destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão. Entretanto a esses males bens estarão misturados (HESÍODO, 1991, p. 35, verso 173-180).

Há de se notar que, apesar de colocar o trabalho como a atividade responsável pela existência e não mais a guerra, Hesíodo não o faz de forma a atribuir à atividade laboral o prazer ou o amor. É a clareza de que tal atividade vem como necessariamente diferente da anterior, mas nem por isso, sem sofrimento.

Nessa nova ordem, em que o indivíduo deverá cuidar de seus bens, os laços familiares se afrouxam. Antes todos eram reunidos e, juntos lutavam, literalmente, pela sobrevivência. Agora, a luta é entre indivíduos. Isso acarreta mudanças radicais nos valores. O respeito à família era incontestável. Agora, nas próprias palavras de Hesíodo:

Nem pai a filhos se assemelhará, nem filhos a pai; nem hóspedes hospedeiro ou companheiro a companheiro, e nem irmão a irmão caro, será como já havia sido: vão desonrar os pais tão logo estes envelheçam e vão censurá-los, com duras palavras insultando-os (HESÍODO, 1991, p. 36-37, verso 182-186).

Além de romper com os laços de família que antes que eram rigorosamente respeitados, entre os

próprios indivíduos, haverá, adverte o autor, males que irão trazer muitos pesares. A facilidade de se pensar em todos como se fossem um deixa de existir. Na nova circunstância, o outro só existe à medida que o prejudica ou é prejudicado em seus interesses.

Hesíodo diferentemente de Homero, fala do presente; já lida com sua realidade em um “sentido pedagógico”, ao afirmar valores que devem existir, mas que não existem. Se na prática existe a cobiça, a inveja e o egoísmo, Hesíodo trata de freá-los com a idéia de Justiça:

A justiça escuta e o Excesso esquece de vez! Pois esta lei aos homens o Cronida dispôs: que peixes, animais e pássaros que voam devorem-se entre si, pois entre eles justiça não há; aos homens deu a Justiça que é de longe o bem maior; pois se alguém quiser as coisas justas proclamar sabiamente, prosperidade lhe dá o longevidente Zeus; mas quem deliberadamente jurar com perjúrios e, mentindo, ofender a Justiça, comete irreparável crime; deste, a estirpe no futuro se torna obscura, mas do homem fiel ao juramento a estirpe será melhor (HESÍODO, 1991, p. 43, verso 275-285).

Apesar de ser a Justiça aquela que deveria imperar entre homens que, no novo contexto passam, individualmente, a “lutarem” entre si, Hesíodo adverte que “Mesmo ao irmão, sorrindo, impõe uma testemunha: confiança e desconfiança os homens aniquilam por igual.”(HESÍODO, 1991, p.43, verso 275-285)

Com isso, qual é a nova forma de se pensar o corpo? Qual é a necessidade por ele satisfeita neste novo momento? O que é que nasce e o que morre, em relação ao corpo, com a nova forma de ser da sociedade? Jaeger (1995) diz que em Hesíodo a idéia de direito aparece em franca luta com o uso da força, o que faz o helenista, sobre o conteúdo “formativo” do poema, concluir:

A educação e prudência na vida do povo não conhecem nada de semelhante à formação da personalidade total do homem, à harmonia do corpo e do espírito, à destreza igual no uso das armas e das palavras, nas canções e nos atos, tal como exigia o ideal cavalheiresco. Em contrapartida, impõe-se uma ética vigorosa e constante, que se conserva imutável através dos séculos, na vida

material dos camponeses e no trabalho diário da sua profissão. Este código é mais real e mais próximo da Terra, embora lhe falta uma grande meta ideal (JAEGER, 1995, p. 90).

Ao se basear no trabalho, a nova sociedade que ia surgindo, sustentada pelo direito que regrava as disputas - antes resolvidas pelas qualidades do corpo, como a força e a velocidade - inicia *um processo de reflexão sobre a relação entre a prática da vida cotidiana e a teoria educacional*. A idéia de justiça, de obediência à lei não se desenvolvia por si: era necessária a reflexão sistematizada sobre como “formar” o homem, que liberado dos laços familiares, assumisse a existência política. *O nascimento da reflexão pedagógica grega, atinada com as contradições e necessidades da polis, resultou em dois discursos pedagógicos sobre o corpo: aquele que valoriza o corpo como fonte das realizações do espírito e aquele que vê no cultivo do corpo o embotamento dessas qualidades*. De qualquer maneira, a centralidade das valências físicas, ou a sua imediata utilidade, é secundarizada em relação à palavra e à reflexão. Ou seja, em Homero a prática social e a prática educativa coincidem e, em ambas, o corpo e suas forças eram vistas como pressupostos. A educação do corpo, efetivada no dia-a-dia da sociedade guerreira descrita por Homero, ou passa a ser executada pela “pedagogia” para atingir a um fim que transcende a força muscular, ou é rechaçada como sinal de um tempo que não mais existia.

Nesse sentido, os poetas *Líricos Gregos*, expressam com segurança a malha de determinações e de valores que agora são elogiados ou criticados e que tocam, diretamente, a questão da educação corporal.

Ao vislumbrarmos os homens que viveram essas mudanças, notamos que deixando de ser a guerra a atividade principal, os valores guerreiros, já no período de Arquíloco (687-652 a.C.), começam a serem criticados e até zombados. Antes, um guerreiro tinha como algo de maior valor seu escudo, seu elmo e suas armas, e agora, nas palavras de Arquíloco:

Um dos Saios, nossos inimigos regozija-se agora com meu escudo, arma impecável que sem querer deixei ficar num matagal. No entanto, escapei

à morte, que é o fim de tudo. Quero lá saber deste escudo! Comprarei outro melhor. Que é um escudo, afinal, senão um pedaço de pele curtida, com uns adornos de metal brilhante!(LÍRICOS GREGOS, 1956, s.p)

De um lado, temos o escárnio como o sinal de que o valor guerreiro já não mais responde as necessidades dos homens. De outro, temos o saudosismo de Tirteo (Sec. VII), que insiste em lembrar o quê fora esquecido, ou seja, aquilo que não mais acontece “naturalmente”:

Assim, pois, oh jovens lutais unidos e não deis sinal de fuga vergonhosa nem de medo; faze grande e forte no peito vosso coração e não tenhais amor por vossas vidas quando lutas com o inimigo. Não fujais abandonando aos velhos, os de mais idade, caídos, cujos joelhos já não são ágeis. É vergonhoso ver, caído na primeira fila deitado no solo diante de jovens, um homem de mais idade, de cabeça branca e barba branca, exalando no pó sua alma generosa, com as ensangüentadas vergonhas escondidas entre as mãos[...] (LÍRICOS GREGOS, 1956, Op. Cit. p.4, verso 6)

A luta de Tirteo em fazer os homens lembrarem-se daqueles valores coletivos e guerreiros, respondia a uma necessidade: a saber, não mais aquela que é a fonte das lembranças buscadas, mas sim a realidade regida pela propriedade individual, em que aqueles valores (coragem, respeito aos velhos, abdicação da vida própria), serviam muito mais para conter os excessos citados por Hesíodo, do que garantir a sobrevivência, como em Homero.

No que tange à forma como o corpo passa a ser visto, Xenófanes (+-570 - +-470) vivendo já sob a égide da nova maneira de organização, na qual o trabalho, a palavra e a habilidade de fazer leis que regulam as práticas individuais de cada homem são mais importantes, deixa explícito que a antiga necessidade do corpo forte, ágil, sendo ultrapassada, faz com que os homens vejam o que antes era elogiado como alvo de críticas:

Os vencedores das Olimpíadas, que recebem distinções como sentar na primeira fila de um teatro, homenagens da cidade, são contestados pelo

poeta. Diz ele [...] No entanto, esses vencedores são menos dignos dessas honrarias que eu porque a minha sabedoria é melhor do que a força dos homens e dos cavalos. Porém sobre isso já muitas opiniões equivocadas. Não é justo preferir a força à verdadeira sabedoria. Se há na cidade um bom pugilista ou um bom atleta distinguido no Pentatlon, na luta ou na corrida - que é a mais importante das provas atléticas nas competições entre os homens - nem por isto estará, por ele, melhor governada. Pouco prazer pode dar a uma cidade um atleta que vença junto às margens do rio de Pisa posto que isso não enriquece os cofres da cidade (LÍRICOS GREGOS, 1956, . p.15, verso 2).

Podemos ainda endossar a posição de Xenófanes, com a seguinte passagem de Teógnis (610-520):”A inteligência e a língua são um tesouro; porém são coisas que poucos homens possuem e que tem dificuldades de fazer bom uso de ambas.”(LÍRICOS GREGOS, 1956, p. 20, verso 1185)

Assim, esses posicionamentos são compreensíveis ao considerarmos o pano de fundo histórico que dá as razões para que tais idéias se realizem. A força e o altruísmo eram as peças-chave para a garantia de sobrevivência. Com os desenvolvimentos que culminariam na existência política, são as habilidades no falar e no pensar - inerentes as práticas do comércio e da política - que garantem a realização dos interesses individuais. Estes, por sua vez, se levados ao exagero, destruiriam as possibilidades de viabilização de qualquer organização social, onde estes interesses se realizam. Sobre isso, afirma Teógnis:

Quando os malvados se decidem a mostrar sua insolência, corrompem o povo e dão sentenças a favor dos injustos para buscar lucros e poder próprio. Não esperes que essa cidade, ainda que esteja na maior calma, permaneça tranqüila por muito tempo uma vez que os malvados se agarram às vantagens com prejuízo público. Disto nascem as lutas civis, as matanças de cidadãos e dos tiranos[...] (LÍRICOS GREGOS, 1956, p.14, verso 44.)

Com o desenvolvimento da pólis e da democracia, notamos que essas discussões sobre o valor edu-

cativo ou prático do desenvolvimento do corpo ganham em intensidade e sistematização. Podemos notar a existência do debate entre o elogio e a crítica à educação física em *As Nuvens*, de Aristófanes. Quando do diálogo entre os raciocínios das duas formas educacionais em luta, ele faz o “Raciocínio Justo”, crítico do intelectualismo sofístico, afirmar:

Se fizer o que eu digo e atentar nesses conselhos, *terá sempre peito robusto, côres brilhantes, ombros largos, língua curta, quadris grandes e membro pequeno. Mas se praticar os hábitos de hoje, logo terá pele pálida ombros estreitos, peito acanhado, língua grande, quadris pequenos, membro comprido e longos decretos.* E ele persuadirá você a pensar que tudo que é vergonhoso é belo e o belo, vergonhoso (ARISTÓFANES, 1967, p. 194). (Sem grifos no original)

Fica evidente que a menção aos “hábitos de hoje” diz respeito ao fortalecimento da política em relação à guerra e a perda de importância da educação corporal nessa ordem.

A oposição entre a “**língua grande**” do especialista em discursos e os “**ombros largos**” do guerreiro como exemplos de práticas educacionais diferenciadas assume grande importância pelas nuances que recebe no pensamento de Platão. Através de Sócrates, no *Fédon*, diz o autor de *A República*: “[...] purificar a alma não é o mesmo, como diz a antiga tradição, que separá-la do corpo e acostamá-la a encerrar-se e recolher-se em si mesma, partindo de todos os pontos do corpo, e viver, seja nesta vida, seja na outra, sozinha e separada do corpo como liberta de uma cadeia?” (PLATÃO, 1996, p.129) Isso, todavia, não deve levar a assunção de que Platão desconsidera a educação do corpo como momento importante de sua obra filosófica. A atenção dada ao cuidado e à educação corporal n’*A República* endossa a advertência, feita por Watanabe (1995):

Platão considera a existência humana sob um ponto de vista pitagórico, isto é, como coexistência de alma e corpo.[...] A tradição cristã fez dessas afirmações uma teoria platônica da espiritualidade da alma, desconhecendo a sofisticada encenação dos Diálogos. Desse modo, exagerou-se o papel

da recusa do corpo em favor da alma no contexto da obra de Platão. Se o corpo (em grego, soma) é considerado como o túmulo (em grego, sema) da alma, é porque é preciso inverter as perspectivas e pensar a morte como passagem para a nova vida.[...]Sócrates reconhece que, pregada ao corpo como que por meio de pregos e ferros, é por intermédio do prazer e da dor que o corpo produz que alma exercita sua memória[...].” (WATANABE, 1995, p. 95-96).

Por outro lado, com o mesmo cuidado de Watanabe (1995), Marrou (1975), por sua vez, não deixa de dizer que:

[...] o lugar que Platão concede, em sua discussão, aos aspectos propriamente espirituais da cultura, mostra claramente ter já o papel da educação física passado para segundo plano: lentamente, a cultura helênica se distancia de suas origens cavaleirescas e evolui na direção de uma cultura de letrados. (MARROU, 1975, p. 118)

Essas observações colocam bases para entender a necessidade de analisar a história da educação física na Antigüidade de forma a contemplar a dinâmica do processo de formação e de superação de discursos pedagógicos que ou assumiam o corpo como pressuposto, ou o viam como irrelevante frente às novas configurações sociais ou que, ainda, viam-no como importante justamente pelo desenvolvimento da política e da filosofia e o predomínio da inteligência que elas pressupõem. A “educação grega”, quando analisada por aqueles que se preocupam com a educação física deve levar em conta, assim, a existência de projetos históricos e pedagógicos conflitantes (enfim, de “educações gregas”) em relação ao corpo e à sociedade. O mesmo deve dito sobre as sociedades que se sucederam e que, de forma inegável, determinaram as várias leituras que foram e que são feitas da Antigüidade.

Considerações finais

Iniciamos este trabalho objetivando refletir sobre a importância atribuída à “educação grega” por parte dos estudiosos da educação física. Analisar o

desenvolvimento do pensamento educacional grego tomando as transformações históricas da época homérica à clássica, serviu para mostrar a multiplicidade de projetos educacionais atinentes ou contrários à educação do corpo. Antes, o homem altruísta, guerreiro e forte estava diluído no interior da sociedade. Por outro lado, no novo contexto que surgia, tratava-se de lidar pedagogicamente com o corpo e formá-lo naqueles valores, caso fosse visto o seu valor para embasar o desenvolvimento das capacidades volitivas e intelectuais necessárias para coesão política. Dito de outra maneira, a força, a velocidade, a habilidade com as armas...tratava-se de formá-las em condições especial e “artificialmente” preparadas para que o homem possuísse esses atributos, sem querer isso dizer que eles fossem imediatamente ou “concretamente” úteis, como foram na vitória sobre Tróia, por exemplo. Para o sofista do “raciocínio injusto” de Aristófanes, isso era perda de tempo. O governante-filósofo de Platão, por sua vez, deveria ser formado nessa “pedagogia do corpo” que, no fim, condicionaria a existência e o desenvolvimento de sua capacidade de reflexão e ação.

Nesse sentido, as transformações no pensamento educacional grego, com suas conseqüências específicas sobre a questão do corpo, mostra a necessidade de buscarmos as várias e complexas mediações entre as transformações da sociedade e a maneira como ela pensa e executa (ou pela vida cotidiana, ou pela pedagogia) a educação corporal. Como conseqüência, Marrou (1975) chama atenção de forma clara para essa necessidade ao colocar uma questão no resultado mais constante dessa desconsideração ao se analisar a educação física na Antigüidade:

Aqui, devo exorcizar um mito moderno, o de uma síntese harmoniosa entre ‘a beleza da raça, a perfeição suprema da arte e os mais altos vãos do pensamento especulativo’ que a civilização helênica teria podido realizar plenamente. Esse ideal de um espírito plenamente desabrochado num corpo soberbamente desenvolvido, não é, sem dúvida imaginário; existiu, pelo menos, no pensamento de Platão, quando ele desenhava suas inesquecíveis figuras jovens; [...] *Mas é necessário considerar também que, se ele pôde realizar-se na prática, só o pôde num instante fugidivo de equilíbrio instável entre duas tendências que*

evoluíam em sentido contrário, e das quais somente uma pôde progredir, acarretando a regressão da primeira, de início dominante (MARROU, 1975, p. 75) (Sem grifos no original).

Partindo das apropriações cristãs da filosofia grega, passando por Montaigne, Rabelais, Locke, Rousseau, Rui Barbosa, Fernando de Azevedo; passando também pela retomada dos Jogos Olímpicos em 1896 e sua elaboração nazista na década de 30, chegamos aos esforços contemporâneos de se buscar, defender e concretizar as potencialidades educacionais da educação física. Em todas essas idéias e fatos, os variados formatos e concepções sobre a educação do corpo ou foram muito criticados ou defendidos, porém tendo, freqüentemente, como anteparo a “educação grega”. Com as reflexões feitas neste texto, pretendemos ter mostrado que essa “educação grega”, além de ter sido multifacetada para os próprios gregos, originou diferentes interpretações fazendo com que a análise desse período histórico seja dotada de grande vitalidade. Assim, esse reconhecimento, longe de tirar o fascínio que atribuímos aos gregos, dá ainda mais valor e atualidade para o seu estudo pelo fato de historicizá-lo. Atualidade essa passível de ser vista justamente no cuidado em se lançar mão desse período histórico evitando anacronismos que, com o passar dos anos, tornaram-se grandes chavões que dificultam tanto a reflexão hodierna, quanto o entendimento da especificidade dos limites e da perenidade das realizações educacionais dos antigos gregos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓFANES. **As nuvens**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- AZEVEDO, F. de. **A poesia do corpo**. Belo Horizonte: Imprensa oficial do Estado de Minas, 1915.
- BRAUNSTEIN, F; PÉPIN, J. F. **O lugar do corpo na cultura ocidental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.
- CARVALHO, Y. M. de. Corpo e história: o corpo para os gregos, pelos gregos, na Grécia antiga. In: SOARES, C. (Org.) **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001

- DA MATA, V. **Homero e Hesíodo**: A construção da consciência sobre o homem e seu corpo na Grécia Arcaica. 2000. Dissertação de mestrado. Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- GNECCO, J. R. **Corporeidade e paidéia**: a corporeidade na Grécia Antiga à luz da Paidéia de Jaeger. 1999. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995.
- HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. 1º reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- HOMERO. **Ilíada** (verso). São Paulo: Ediouro S. A.. s.d.
- LÍRICOS GREGOS. **Elegíacos y Yambógrafos Arcaicos**. Barcelona: Ediciones Alma Mater, 1956. (mimeo)
- MANACORDA, M. A. **História da educação**: da Antigüidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- MARROU, H. I. **História da educação na antigüidade**. São Paulo: EPU, 1975.
- SILVA, A. M. A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001,
- SOARES, C. L. **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- WATANABE, L. A. **Platão**: por mitos e hipóteses. São Paulo: Editora Moderna, 1995.